

## VERBO *PARECER* NO PB: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO? \*

Sebastião Carlos Leite GONÇALVES

**RESUMO** *Como proposta de estudo de caso, este trabalho investiga cinco contextos de usos do verbo **parecer** no português brasileiro (PB). Assumo, como hipótese, que esses diferentes usos podem ser interpretados como um caso de gramaticalização (GR), aqui entendida, na sua acepção clássica, como um processo que envolve a mudança de estatuto categorial de um elemento linguístico (Hopper & Traugott, 1993). Para a descrição das propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas que caracterizam os diferentes padrões de uso do verbo **parecer**, utilizo, como quadro teórico, o modelo de Gramática Funcional (GF) de orientação holandesa (Dik, 1989, 1997). Nessa caracterização, recorro a dados empíricos e mostro que um processo de GR se implementa, na medida em que **parecer**, identificado com a categoria dos verbos plenos (**parecer**<sub>1</sub>), passa a assumir funções de satélites atitudinais, de caráter adverbial (**parecer**<sub>4,5</sub>), colocando-se completamente para fora da estrutura de predicação. Nesse trajeto de mudança, pontos intermediários o relacionam com a classe dos verbos-suporte (**parecer**<sub>2</sub>) e com a dos verbos de atitude proposicional (**parecer**<sub>3</sub>).*

**Palavras-chave** gramaticalização; modalidade epistêmica; evidencialidade.

**ABSTRACT** *This work, under a case-study perspective, analyses five contexts in which the verb **parecer** (to seem) is used in Brazilian Portuguese. My hypothesis is that these different uses may be interpreted as a grammaticalization issue (GR), understood here in its classical sense, as a process that involves the category change of a linguistic element (Hopper & Traugott, 1993). In order to describe the syntactic, semantic and discursive-pragmatic properties that characterize the different use patterns of the verb **parecer**, the Dutch Functional Grammar (FG) model (Dik, 1989, 1997) is used as theoretical background. Based upon this characterization, empirical data is used to show that a process of GR is put into practice once **parecer**, identified as full-verb class (**parecer**<sub>1</sub>), claims the functions*

---

\* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 3 de fevereiro de 2003, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Braga.

of attitudinal satellites, with adverbial characteristics (*parecer*<sub>4,5</sub>), and is put completely apart from the predication structure. Through this way of change, intermediate points relate it with the support verbs class (*parecer*<sub>2</sub>) and with the propositional attitude verbs class (*parecer*<sub>3</sub>).

**Key words** functionalism; grammaticalization; epistemic modality; evidentiality.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O foco do presente trabalho recai sobre construções com o verbo **parecer**, que, descritas sob a perspectiva da GF de orientação holandesa (Dik, 1989, 1997), são aqui interpretadas dentro do “paradigma da GR” (Heine *et al.*, 1991; Hopper & Traugott 1993, entre outros). Apesar de esse item já ter sido bastante focado por teorias diversas<sup>1</sup>, em razão dos diferentes mecanismos acionados no seu uso, sobretudo os sintáticos, o meu interesse pela continuidade do seu estudo foi motivado pela falta de uma descrição mais completa que buscasse dar conta de explicar a sua diversidade funcional no PB. Desse modo, os seguintes objetivos nortearam a minha investigação:

- (i) descrever e analisar mais completamente construções com o verbo **parecer**, a partir de amostras de fala do PB contemporâneo<sup>2</sup>;
- (ii) investigar, sob a ótica da GR, os diferentes usos de **parecer**, de modo a identificar as suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas e a relação existente elas;
- (iii) propor, sob a hipótese da unidirecionalidade, uma escala de GR para **parecer**;
- (iv) buscar, diacronicamente, uma referendação histórica para a escala proposta em (iii);
- (v) comparar, em dados diacrônicos do português, os empregos de **parecer** com os de outros verbos de atitude proposicional que lhe são equivalentes em uso, procurando estabelecer pontos de contato entre os suas trajetórias de GR;
- (vi) comparar os resultados obtidos nesse trabalho com outros que tratam de questões semelhantes.

Com a pretensão de que essa versão resumida de um trabalho bastante longo (em tempo e dimensão) apenas forneça uma idéia do seu conteúdo, atendo-me, neste espaço de que disponho, aos objetivos apresentados em (i), (ii) e (iii) acima, que caracterizam o fenômeno investigado.

---

<sup>1</sup> Destaco aqui, como exemplo, o trabalho pioneiro de Quícoli (1976).

<sup>2</sup> Os dados analisados provêm de três *corpora* diferentes: (i) Amostra-88 e Amostra-00, vulgarmente conhecidas como “Amostra Censo” (CEN) e “Amostra Tendência (TEN)”, ambas do Programa de Estudos sobre Usos da Língua/UFRJ; (ii) Amostras do Projeto NURC/década de 1970 (SET); e, (iii) Amostra Complementar do Projeto NURC/RJ/década de 1990 (COM).

## 2. O FENÔMENO INVESTIGADO

No PB contemporâneo, ocorrem cinco contextos de usos do verbo **parecer**, claramente diferenciados por propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Essas propriedades permitem reconhecer, de um lado, usos mais identificados com a categoria dos verbos plenos (**parecer<sub>1</sub>**) e, de outro, usos mais identificados com a categoria dos satélites atitudinais de natureza adverbial (**parecer<sub>5</sub>**). A organização dos dados, seguindo a hipótese da unidirecionalidade em GR<sup>3</sup>, permite verificar que de um uso ao outro, há um processo contínuo de mudança, que conduz à **alteração de estatuto categorial**, fato que *per se* já justificaria tratar este fenômeno como um caso de GR.

Nas subseções a seguir, descrevo os usos de **parecer** que ilustram esse contínuo de alteração categorial, apreensível pelo índice numérico que rotula cada um dos casos. Abaixo de cada ocorrência, forneço o esquema de predicação de **parecer**, nos moldes proposto pela GF, de modo a enquadrá-lo na estrutura hierárquica da oração (predicado < predicação < proposição < ilocução < oração).

### 2.1. Organizador da predicação

Um uso ainda ignorado na descrição de construções com **parecer** envolve os casos em que o verbo é claramente o organizador de uma predicação nuclear, ou seja, ocupa o núcleo de um predicado, em torno do qual se arranja(m) o(s) argumento(s) e os demais participantes da estrutura frasal, como mostra a ocorrência em (1a).

- (1) **Parecer<sub>1</sub>** (predicador)
- Eles queriam uma cunhada minha e eles falaram que era eu, que eu parecia muito com ela quando era nova, sabe, era mais clara e tudo. (PEUL/CEN/E06)
  - Esquema de predicado: **Parecer** [V] ( $x_1$ :)zero ( $x_2$ )referência<sup>4</sup>
  - $\pi_2$  **Passado** ( $e_1$ : [ $\pi_1$  **imperfectivo** parecer com [V] ( $x_1$ : eu)zero ( $x_2$ : ela)referência ( $\sigma_2$  **quando era nova**)tempo] ( $e_1$ ))  
= eu parecia com ela quando era nova

A predicação com **parecer<sub>1</sub>** designa, então, um estado-de-coisas (EsCo), do tipo **estado** (cf. Dik, 1989, p.97), e por isso pode ocorrer em algum mundo real, ser localizado no tempo e no espaço, durar algum tempo e ser visto ou mesmo percebido. Assim, a predicação nuclear dada em (1b), composta de um predicado

---

<sup>3</sup> “A hipótese da unidirecionalidade sustenta que toda gramaticalização envolve mudança em contextos lingüísticos específicos de um item lexical em um item gramatical, ou de um item menos gramaticalizado em um item mais gramaticalizado, e que os *clines* de gramaticalização são irreversíveis. As mudanças procedem do [nível/categoria] mais alto para o mais baixo, nunca do mais baixo para o mais alto no *cline*”. (Hopper & Traugott, 1993, p. 126).

<sup>4</sup> Atribui-se função semântica **zero** à entidade primeiramente envolvida num **estado**, e a função **referência**, ao segundo ou terceiro termo, em razão do qual tal relação se sustenta (cf. Dik, 1989, p. 101).

(V) e de termos argumentais (x), pode ser estendida por operadores e satélites de nível 1, que definem a estrutura interna do EsCo ( $e_1$ ), constituindo, no nível 2, uma predicação central, possível ainda de ser modificada por operadores e satélites que, neste nível representacional, especificam o cenário do EsCo (temporal, espacial e/ou cognitivamente), tornando-o uma expressão referencial.<sup>5</sup> Tem-se, então, como resultado, a predicação estendida. Em (1c), mostro a atuação desses operadores e satélites (assinalados em negrito).

A função cognitiva (**referencial** ou **ideacional**) do verbo tem por base uma comparação entre duas entidades referenciais e uma avaliação da semelhança de traços entre elas. Esse esquema constitui a base cognitiva para o emprego de **parecer**<sub>1</sub>, caracterizando o seu uso lexical, ou, ainda, o **uso mais concreto**. Semanticamente, pode-se dizer que **parecer**<sub>1</sub> é de base “evidencial” (*lato sensu*), pois parte de uma constatação e de um julgamento do falante acerca de estados de coisas observáveis. Assim, o cotejo entre aparências físicas é um traço que se ressalta nas propriedades discursivas de **parecer** como verbo de **percepção visual**.

## 2.2. Suporte de predicação

Como suporte de uma estrutura de predicação, a relação mediada por **parecer**<sub>2</sub> é resultante da aplicação de uma propriedade a uma entidade referencial. Não é o verbo o responsável pela relação de predicação. Observe-se a ocorrência em (2a) e as representações que a seguem.

- (2) **Parecer**<sub>2</sub> (suporte de predicação)
- a. Certas liberdades **pareciam** excessivas (NURC/RJ/SET/71)
  - b. Regra de inserção de cópula-suporte  
 Input : predicado <sub>$\beta$</sub>  ( $x_1$ )...( $x_n$ )  
 Condições:  $\pi$  = qualquer combinação de operador- $\pi$  (tempo, aspecto, modo)  
 $\beta \neq V$ (erbo);  $\beta = Adj$ (etivo)  
 output:  $\pi$  cópula<sub>v</sub> predicado <sub>$\beta$</sub>  ( $x_1$ )...( $x_n$ )
  - c. Esquema de predicado:  $\pi$ : (tempo, aspecto, modo) **parecer**<sub>v</sub> (( $e_1$ : [adj] <sub>$\beta$</sub>  ( $x_1$ )<sub>zero</sub> ( $e_1$ )))
  - d.  $\pi_2$ : Passado ( $\pi_1$ : imperfeito, **parecer** [V]) ( $e_1$ : excessivas [Adj] ( $x_1$ :certas liberdades)<sub>zero</sub> ( $e_1$ )))

<sup>5</sup> Operadores de nível 1 ( $\pi_1$ ) marcam gramaticalmente aspecto qualificacional (perfectividade/imperfectividade) e negação de predicado. Satélites desse mesmo nível ( $\sigma_1$ ) expressam lexicalmente propriedades adicionais do EsCo, como modo, velocidade e instrumento. Operadores de nível 2 ( $\pi_2$ ) marcam gramaticalmente tempo, aspecto quantificacional (habitualidade, frequência, continuidade e intensidade), modalidade objetiva e polaridade. Satélites  $\sigma_2$  expressam lexicalmente o cenário do EsCo, como tempo, lugar, frequência e probabilidade.

O EsCo descrito em (2a) é estruturado por recurso a um predicador adjetival (*excessiva*) que se aplica a um termo (*certas liberdades*), caso em que **parecer**<sub>2</sub> é inserido na condição de cópula-suporte de uma predicação<sup>6</sup>. A regra de cópula-suporte em (2b), quando aplicada à predicação dada em (2a), resulta o esquema de predicado em (2c), cuja realização é dada em (2d). A presença de operadores  $\pi_2$  e  $\pi_1$  forçosamente desencadeará a inserção de uma cópula-suporte que, em (2d), é codificada por **parecer**.

Embora, na definição de cópula-suporte, estejam previstos por Dik somente operadores de tempo, aspecto e modo ( $\pi_{1,2}$ ), no uso de **parecer**<sub>2</sub> parece compatível incluir, para o PB, também a atuação de um operador  $\pi_2$  de **modalidade epistêmica objetiva**.<sup>7</sup> Se não previsto em (2d) um operador desse tipo, a função exercida por **parecer** deixa de ser acionada, podendo outra cópula-suporte ser inserida na sustentação da relação de predicação, como por exemplo a cópula **ser/estar**<sup>8</sup>.

Nesse estágio inicial de GR de **parecer**<sub>2</sub>, ao lado de um valor epistêmico, também um valor evidencial começa a emergir, revelando o falante como fonte da informação contida na predicação. Essa interpretação se confirma por comparação com os predicados de sensação do japonês, uma língua com um sistema evidencial altamente desenvolvido.<sup>9</sup> Conforme Kato (1987), no PB, predicados de estados psicológicos (como **triste**, **alegre** etc) podem ocorrer em asserções, indiferentemente à pessoa gramatical do sujeito. Em japonês, asserções do mesmo tipo só são possíveis em situação normal de conversação para sujeitos de primeira pessoa. Quando o sujeito não é de primeira pessoa, alguma expressão evidencial, como **parecer**, por exemplo, é requerida. São os seguintes os exemplos de Kato:

<sup>6</sup> “O termo **suporte** sugere que a cópula [nas línguas que a exigem] serve para acionar os operadores de tempo, aspecto e modo, que requerem uma forma verbal para serem expressos” (Dik, 1989, p.166).

<sup>7</sup> Na qualificação de uma predicação, a modalidade objetiva marca a avaliação do falante sobre situações possíveis prevalecentes na sua concepção da realidade ou de um universo hipotético (Hengeveld 1989, p. 137), dependendo da compatibilidade entre o EsCo e o conhecimento de uma situação possível.

<sup>8</sup> A presença de **ser/estar** conferiria ao enunciado uma força ilocucionária assertiva, diferentemente das intenções pragmáticas do falante, ao empregar **parecer**. Em línguas como o inglês, o equivalente **to seem** modaliza objetivamente as condições especificadas pela cópula **be**, cujo equivalente em português (**ser/estar**) não necessariamente precisa aparecer na estrutura subjacente da predicação. Observe:

(i)  $\pi_2$ : (Presente, mod. objetiva **to seem** [V]) **be** [V<sub>infl</sub>] (e<sub>1</sub>: tired [Adj] (x<sub>1</sub>:John)<sub>zero</sub> (e<sub>1</sub>))

(ii)  $\pi_2$ : (Presente; mod. objetiva **parecer** [V])  $\emptyset$  (e<sub>1</sub>: cansado [Adj] (x<sub>1</sub>:João)<sub>zero</sub> (e<sub>1</sub>))

= John seems to be tired / \* John seems tired / João **parece** (estar) cansado

<sup>9</sup> Sobre a rubrica de *Evidencialidade* ou *acessibilidade de informação*, Hasegawa (2002, p. 4) mostra que o japonês é uma língua que “força” seus usuários a marcar diferenças entre si e os outros, pelo uso de sentenças que expressam sentimentos humanos ou atividade mental, quando o falante não tem acesso direto à fonte. Os predicados sujeitos a essa restrição são denominados pela autora de *predicados psicológicos* [*psych predicates*].

- (3) a. Watakushi-wa kanashii.  
Eu-top triste
- b. \*Anata-wa kanashii.  
Você-top triste
- c. \*Kare-wa kanashii.  
ele-top triste

A atuação de predicados dessa natureza sobre segunda ou terceira pessoa pede uma forma verbal (-**gatte-iru**), que ocorre justaposta ao mesmo radical (**Kanashi**). Essa forma, por sua vez, não pode ser usada para a primeira pessoa. Repare os exemplos ainda de Kato.

- (4) a. \*Watakushi-wa kanashigatte-iru.  
Eu-top triste-pareço
- b. Anata-wa kanashigatte-iru.  
Você-top triste-parece
- c. Kare-wa kanashigatte-iru.  
Ele-top triste-parece

Kato, recorrendo a Kuroda (1973), assim conclui essa primeira parte de sua análise:

tais predicados são epistemologicamente diferentes de adjetivos como alto ou quadrado. Juízos que contêm predicados desse tipo expressam fatos que podem ser falsos ou verdadeiros enquanto que aqueles que contêm adjetivos como 'kanashii' (triste), 'atsui' (quente), 'sabishii' (solitário) etc expressam estados do falante e não são passíveis de serem julgados verdadeiros ou falsos. Por outro lado, a forma verbal que equivale a dizer 'está agindo como se estivesse triste', é passível de ser constatada como um fato verdadeiro ou falso pelos sinais externos que o sujeito apresenta do estado interior.

Observe-se, nessa breve comparação, que, como no japonês, a depender do tipo de predicação sustentada por **parecer**<sub>2</sub>, algumas restrições começam a ser impostas pela língua.

### 2.3. Predicado encaixador de proposição

Relativamente ao modelo da oração em camadas, é incontestável a análise de **parecer**<sub>3</sub> como um predicado no qual se encaixa um conteúdo proposicional. Essa construção encaixada, primeiro argumento ( $A_1$ ) de um predicado de atitude

proposicional<sup>10</sup>, deve ser construída em uma estrutura de ordem superior a de um EsCo ( $e_i$ ), mais especificamente, como uma proposição ( $X_i$ ), que, nos termos da GF, designa um “fato possível”, entidade de nível 3. Submetida a uma avaliação em termos de sua verdade, uma proposição pode ser motivo de surpresa ou dúvida, de menção ou negação, de rejeição e de lembranças, de verdade ou falsidade. As ocorrências em (5), com os respectivos esquemas de predicado em (6), exemplificam esses usos.

- (5) a. Eu conheci aqui um pescador antigo que – para mim, eu considero assim uma história – mas isso lá foi há muitos anos, mas há muitos anos mesmo – ele saiu para pescar e não voltou mais. Até hoje não se dá definição dele, ninguém encontrou o corpo, ninguém encontrou nada. Encontraram só a canoa dele, é. Época depois, **parece** que foi encontrado, não sei se no Recreio ou na Barra da Tijuca (PEUL/CEN/E03)
- b. af a gente tava lá na sala, entre a sala e a cozinha lá tinha um corredor, a gente tava sentado no sofá, o pano de prato **parece** que se mexeu, sei lá, ele cismou que viu um gato correndo pela cozinha. (PEUL/TEN/T2)
- (6) a.  $\pi_2$ : presente **parecer** [V] ( $X_1$ )<sub>sujeito/zero</sub>  
 (( $X_1$ :[ $\pi_2$ : passado (( $e_1$ ):[ser encontrado [V] ( $x_1$ :o corpo)<sub>meta</sub>] ( $e_1$ ))] ( $X_1$ ))
- b.  $\pi_2$ : presente **parecer** [V] ( $X_1$ )<sub>sujeito/zero</sub>  
 (( $X_1$ :[ $\pi_2$ : passado (( $e_1$ ):[mexer [V] ( $x_1$ :o pano de prato)<sub>processado</sub>] ( $e_1$ ))] ( $X_1$ ))

Observe-se que o que permite tratar uma estrutura encaixada como proposição ou predicação é a natureza semântica do predicado matriz, que, em (5), especifica uma proposição e não um EsCo como um todo. Assim é que, em (6), atuando sobre a proposição ( $X_1$ ), **parecer**<sub>3</sub> expressa lexicalmente **modalidade epistemológica evidencial** (Hengeveld, 1989)<sup>11</sup>, que, na função **interpessoal** da linguagem, marca a intenção do falante de especificar sua postura em relação à verdade de uma proposição ( $X_i$ ) apresentada à consideração do ouvinte. **Parecer**<sub>3</sub> serve, então, para modalizar ou mitigar a força asseverativa do conteúdo do complemento oracional nele encaixado.

O esquema cognitivo que dá sustentação à função interpessoal tem suas origens nos usos anteriores. A comparação e a avaliação que, em **parecer**<sub>2</sub>, envolviam estados de mundo possíveis, parte do conhecimento enciclopédico do falante, dão lugar apenas à avaliação epistêmica de conteúdo proposicional – cuja fonte é o

<sup>10</sup> Predicados de atitude proposicional “especificam a atitude [emocional ou intelectual] de uma pessoa em relação aos fatos possíveis designados pelo complemento proposicional” (Dik, 1997; p. 106).

<sup>11</sup> A modalidade epistemológica, recurso lingüístico que permite ao falante expressar seu comprometimento em relação à verdade de uma proposição, subdivide-se em: (i) **subjativa (epistêmica)**: que especifica o tipo (certeza/probabilidade/possibilidade) e o grau (forte/fraco) do comprometimento; (ii) **evidencial (inferencial, citativa, experiencial)**: que, além do comprometimento, especifica como a proposição chegou ao conhecimento do falante, podendo ser ele a fonte ou não da informação.

falante –, processo resultante de uma **evidência indireta inferida não especificada**.<sup>12</sup>

Nas ocorrências de **parecer**<sub>3</sub>, pode, então, ser verificada uma maior consistência para a interpretação do verbo como portador de marcas de evidência indireta inferida, além da de modalidade epistêmica, o que, por razões semânticas e sintáticas, comprova seu uso mais gramaticalizado.

## 2.4. Satélites parentéticos

Além do uso de **parecer**<sub>1</sub>, outros que não aparecem suficientemente descritos na literatura são os que funcionam como **satélite atitudinal** de caráter adverbial. Nesses usos, apenas propriedades formais distinguem dois subtipos: **parecer**<sub>4</sub> e **parecer**<sub>5</sub>, o primeiro, um **quase-satélite**, e o segundo, um **satélite** da estrutura oracional.

Segundo Dik *et al.* (1990), os satélites, em geral, são os meios lexicais opcionais que sustentam informação adicional a um dos níveis hierárquicos da oração (predicado, predicação, proposição, ilocução, oração).<sup>13</sup> A tipologia dos satélites oferecida por esses autores está, então, baseada no nível da oração em que tais categorias atuam. Interessa destacar aqui os **satélites proposicionais** que, como o próprio rótulo sugere, têm por incidência uma proposição.

Dik *et al.* (1990, p. 35-38) classificam os satélites de proposição ( $\sigma_3$ ) da seguinte forma: (i) **de atitude** (orientado para o conteúdo, orientado para o evento e orientado para o participante): especifica a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional ou apenas parte dele; (ii) **de fonte**: especifica uma terceira parte apresentada como a responsável pela informação contida na proposição; (iii) **de evidência**: especifica a ocorrência de um EsCo que serve de evidência para o conteúdo proposicional; e, (iv) **de motivação**: especifica um fato que sustenta um outro designado pelo conteúdo proposicional. Um tanto confusa nessa classificação é a definição de satélites que marcam a **fonte**, em que parece desconsiderado como fonte da proposição o próprio falante. Assim considerando, assumo, para descrição dos usos de **parecer** como satélites parentéticos, os mesmos valores semânticos discutidos para os casos de **parecer**<sub>3</sub>. No meu entendimento, os efeitos de sentido quer em **parecer**<sub>3</sub> quer em **parecer**<sub>4,5</sub> são os mesmos; apenas os meios categoriais são diferentes.

Uma noção necessária para a identificação da contribuição semântica dos satélites é a noção de **escopo**, aqui entendida, nos termos de Ilari *et al.* (1996),

---

<sup>12</sup> Esse tipo de evidência caracteriza-se pelo fato de o falante afirmar saber de uma situação somente por meio de inferência, sem especificar se essa inferência está baseada em resultados observáveis ou se somente em raciocínio (cf. Willet, 1988).

<sup>13</sup> São **opcionais** porque, se omitidos, não afetam a boa-formação do enunciado; **sustentam informação adicional** porque a informação principal está na estrutura do enunciado à qual o satélite é adicionado.

“como o conjunto de conteúdos afetados por algum operador”, no caso, o próprio advérbio. Os autores advertem que as maneiras como o advérbio pode afetar a construção de que ele participa são extremamente variadas, sendo suas posições (marginais ou intercaladas) um dos fatores determinantes do escopo.

Os casos de **parecer**<sub>4,5</sub> equiparam-se, então, a satélites de atitudes proposicionais  $\sigma_3$ , que atuam diretamente na camada proposicional. Por meio de **parecer**<sub>4,5</sub>, o falante avalia o conteúdo proposicional apresentado em um ato de fala, ou apenas em parte dele, o que depende das propriedades distribucionais do item. Desse modo, os valores de **parecer**<sub>4,5</sub> podem se orientar ou (i) para todo o conteúdo da proposição, ou (ii) para apenas um dos participantes (x) do EsCo descrito no interior da proposição.

#### 2.4.1. **Parecer**<sub>4</sub>: um quase-satélite

**Parecer**<sub>4</sub>, ocorrendo sempre em posição medial, rompe a estrutura de constituintes da oração. Esse uso caracteriza-se pela presença do “complementizador” **que** ainda atrelado ao “verbo”, não mais introduzindo complemento oracional, mas apenas um constituinte da oração que, semanticamente, é escopado: em (7a), um adjunto temporal, e, em (7b), um objeto de preposição. Observe que a incerteza do falante, em (7) diz respeito apenas à parte do EsCo codificado na proposição.

- (7) a. hoje pode-se fazer o religioso com efeitos civis e tal ... nós nos casamos no civil... **parece que** de manhã... assim por volta de... dez e meia onze horas por aí. (NURC/RJ/SET/71)
- b. [o pedágio] passou para **parece que** setenta cruzeiro a partir de dia prime-depois de amanhã. (PEUL/CEN/E32)

Esses casos constituem argumento para afirmar uma das propriedades da GR: a união/compactação da estrutura [verbo + complementizador], nesse uso, não mais analisada como dois constituintes, mas uma só forma, possivelmente originada daquelas construções com **parecer**<sub>3</sub> em que, claramente, o sujeito da oração encaixada aparece nos limites da oração matriz, como mostra a ocorrência (5b) (*o pano de prato parece que se mexeu*).<sup>14</sup> Uma possível explicação para esse uso de **parecer**<sub>4</sub> pode ser buscada nesses casos de topicalização do sujeito da oração encaixada, nos quais a seqüência [verbo + complementizador] parece romper a estrutura canônica da oração, o que pode levar o ouvinte a uma reinterpretação induzida pelo contexto e a proceder da mesma forma em qualquer parte da oração, um caso de **reanálise**. Procedida essa reanálise, o complementizador, não mais

---

<sup>14</sup> Esse mesmo argumento poderia ser usado para indicar que já **parecer**<sub>3</sub> na ocorrência em (5b) conteria propriedades sintáticas que permitiriam sua análise como satélite atitudinal de nível 3. Some-se a isso a tendência de satélites proposicionais ocorrerem em posição anteposta à proposição que ele escopa.

funcional sintaticamente, é apagado, e mais claramente o “verbo” assume as propriedades de satélite. Entretanto, há de se observar que, semanticamente, a presença do “complementizador” marca com clareza o constituinte que ele escopa, caso nem sempre claro em **parecer**<sub>5</sub>, como será visto adiante.

Na verdade, esses casos indicam que a posição de **parecer**<sub>4</sub> no interior da oração faz diminuir (e não eliminar) o grau de incerteza que recairia sobre toda a proposição (“**parece** [que nós nos casamos no civil de manhã]”, “**parece** [que o pedágio passou para setenta cruzeiro]”), uma vez que a presença do “complementizador” é que permite determinar com clareza o elemento escopado. Sob essa hipótese, atribui-se às condições de verdade do elemento escopado o rebaixamento do grau de certeza do falante com a verdade da proposição, havendo uma clara diferença entre comprometimento com a verdade da proposição como um todo e com a verdade de apenas parte dela.

Relativamente à sobreposição dos valores epistêmico e evidencial, verifica-se em (7a) um EsCo experienciado pelo informante em um tempo remoto, daí o seu descomprometimento com a verdade sobre a localização temporal desse EsCo. Em (7b), embora estejam ausentes marcas textuais que possam assegurar o tipo de evidência que sustenta a informação proposicional (*o pedágio passou para setenta cruzeiros*), tudo indica que a informação chegou até o informante de fontes outras (relato, boato etc), também um tipo de evidência indireta.

#### 2.4.2. **Parecer**<sub>5</sub>: satélite atitudinal

**Parecer**<sub>5</sub>, já completamente descategorizado, apresenta independência sintática no enunciado que modaliza, podendo, assim, ocorrer em posições iniciais (8a), mediais (8b) ou finais (8c), como exposto abaixo. Diferencia-se do uso anterior, pela completa ausência do “complementizador” **que**.

- (8)
- a. Esse homem que não é ou não se diria ser um homem RICO é um trabalhador simples ... ele mora decentemente ... não sei se ganha bem ... **me pa-re-ce** se eu bem entendi o salário mínimo é trezentos dólares o que está muito acima do salário mínimo brasileiro (NURC/RJ/COM/27)
  - b. tinha festa de orfanato. Aquela ali é a festa, também, muito relacionada ali, dada às crianças. Ali, é a coisa <bo-> é no primeiro de maio. Esse ano não teve, caiu no Domingo, onde - <dom-> Domingo – então, eles preferiram transferir **parece** para o dia das crianças, porque, em geral, os – a religião dele, aos Domingos, [não] – não – é dia completamente de – que não tem comércio, não é? (PEUL/CEN/E32)
  - c. naquele tempo não se tomava uísque tomava-se chope então tinha um barrilzinho de cho:pe uns... uns sanduíches... naquele tempo devia ser presunto e queijo ... **parece** ... eu não me lembro bem ((risos)) mas devia ser assim. (NURC/RJ/SET/71)

Também critérios prosódicos marcam os modais parentéticos (aumento da velocidade de fala, pausa, tessitura) e, dependendo da tessitura do enunciado

adjacente ao parêntese, “flexões prosódicas sugerem que ele está menos integrado com o restante [da oração]” (Dik *et al.*, 1990, p.36). O valor de **parecer**<sub>5</sub> pode orientar-se, (i) quando em posição inicial e final, para o conteúdo da proposição (9), e, (ii) quando em posição medial, para um dos participantes (x) do EsCo descrito no interior da proposição (10), como é o caso de **parecer**<sub>4</sub>, que só aparece em posição medial.

- (9) a. **me parece...** os: presidentes são: eleitos por um período de três anos (NURC/REC/DID/131)  
 b. nesse tempo meu genro era ... vereador ... **parece** (NURC/SP/SET/D2/396)
- (10) a. mas esse colégio:: éh Florence:: depois é que foi vendido para ... **parece** dona Rosa Flat (NURC/SP/SET/D2/396)  
 b. Depois cessou essa época ... agora estão voltando **parece** com a ópera rock também (NURC/SP/SET/D2/333)

O satélite em posição medial e a ausência do “complementizador” (que, no caso anterior, claramente marcava o constituinte escopado) podem levar a ambigüidades de escopo, se o satélite não estiver claramente delimitado por pausas, como é o caso de (10b). Se isso ocorre, o elemento escopado pode ser a proposição como um todo (*agora [parece que estão voltando com a ópera rock também]*) ou apenas parte dela (*agora estão voltando [parece com a ópera rock também]*). A esse respeito, Ilari *et al.* (1996, p. 129) dizem que, mesmo nos casos em que segue o verbo, o advérbio “tende a tomar como seu escopo o elemento que está à sua direita”.

O que se constata até aqui, é que, à medida que avança a alteração de propriedades sintático-semânticas, **parecer** se descategoriza, fixando-se na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, alterando assim os privilégios sintáticos de sua categoria original de verbo, para assumir valor de satélite, caso em que não se aplicaria mais um esquema de predicado, como os dados para **parecer**<sub>1,2,3</sub>. Em (11) abaixo, mostro somente o nível da oração ao qual **parecer**<sub>4,5</sub> se liga, expressando a opção lexical de expressão de modalidade epistêmica/evidencialidade.

- (11) E<sub>1</sub> IL (F) (O) ( $\sigma$ <sub>3</sub> X<sub>1</sub>: (proposição) (X<sub>1</sub>)) (E<sub>1</sub>)

Uma objeção à interpretação de **parecer** como um caso de GR reside nesses usos identificados como **parecer**<sub>5</sub>, cujas propriedades gramaticais lhe conferem uma outra relação com a oração, não mais de predicado, mas de adjunto. A questão que se levanta é se essa alteração representaria um caso de desgramaticalização. No interior da concepção de GR assumida neste trabalho, a resposta seria negativa, em função de ser claro o “rebaixamento” de estatuto categorial do item, de verbo a advérbio. Nesse sentido, o enfoque da mudança recai sobre o item em si e não nas relações que ele contrai com outros elementos das construções de que participa.

Além dessa objeção, o fato de ocorrer no interior da oração (posição medial) pode não ser propriedade suficientemente forte para a identificação de **parecer**<sub>4,5</sub> com satélites, uma vez que algumas classes de verbo, como por exemplo os verbos-ponte, apresentam comportamento semelhante<sup>15</sup>. Entretanto, as outras posições possíveis de **parecer**<sub>5</sub> (inicial e final) contribuem para sua identificação com os satélites.

Embora não tenha realizado um levantamento sobre os tipos que podem funcionar como verbo-ponte, minha suspeita é a de que eles constituem uma classe muito pequena. Por ora me parece que bons exemplares seriam mesmo os verbos *dicendi*, sobretudo os introdutores de discurso relatado. Observo, contudo, a propriedade semântico-pragmática que os aproxima dos verbos de atitude proposicional que codificam também evidencialidade e que ocorrem no interior da oração: marcar a fonte da informação, uma evidência indireta, promovendo o descomprometimento do falante com o conteúdo informado (Cf. Casseb-Galvão, 2001)<sup>16</sup>. De qualquer forma, me parece que são as propriedades sintático-semânticas que colocam os verbos-ponte de algum modo diferentes dos usos de **parecer**<sub>4,5</sub>: enquanto esses apresentam um conteúdo orientado para o falante, sem com ele apresentar qualquer relação morfológica, aqueles têm conteúdo orientado para um agente, expresso gramaticalmente. Essa pode ser uma explicação para o fato de verbos-ponte não poderem ser tratados como advérbios, enquanto verbos de atitudes proposicionais de conteúdo orientado para o falante o podem, mesmo naqueles usos “cristalizados”, como ocorre com as formas **(eu) acho**, **(eu) acredito**, **(eu) creio**, **(eu) suponho** etc.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recorrendo ao modelo de GF de Dik (1989, 1997), caracterizei os diferentes usos de **parecer** no PB, enfocando suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Relativamente aos padrões sintáticos, o item em análise, de

---

<sup>15</sup> Como me apontou Mary Kato, carecem de uma explicação os usos parentéticos com verbo-ponte cujo comportamento se assemelha ao de **parecer**<sub>4,5</sub> e que não são possíveis de serem interpretados como tendo propriedades de advérbios. Expressam essa semelhança as construções abaixo:

(i) a. Maria está grávida, **parece** que de Pedro.

b. Maria está grávida, **disse** ela (que) do Pedro.

<sup>16</sup> Embora não faça em seu trabalho um estudo sistemático sobre a posição da expressão **diz que** como marcador gramaticalizado de evidência indireta, Casseb-Galvão (2001, p. 194) identifica usos deslocados como em: (i) *Nas Escrituras Sagradas há muitos casos como esses em que Jesus Cristo expulsou o demônio do corpo de muita gente, diz que* (p. 194). Usos como esse são interpretados por ela como tendo origem no uso pleno do verbo **dizer**, em 3ª. pessoa do presente do indicativo. O que quero dizer é que os usos do verbo **dizer** como verbo-ponte podem sim constituir alterações que, posteriormente, o deslocarão para uma categoria diferente da de verbo, como bem mostrou Casseb-Galvão (2001).

organizador de uma predicação (**parecer**<sub>1</sub>), coloca-se completamente para fora dela (**parecer**<sub>5</sub>), mudança resultante de um processo de reanálise categorial, que vai alterando as fronteiras de constituintes da oração em que o verbo ocorre.

Em termos semânticos, o esquema cognitivo que sustenta o uso da forma fonte (**parecer**<sub>1</sub>) dá lugar aos valores **epistêmicos** e **evidenciais**, presentes nos demais usos, alteração semântica assentada num sistema metafórico estruturado, responsável pela projeção de experiências do domínio físico no domínio mental (cf. Sweetser, 1991). Nesse processo, os significados baseados numa situação externa (**parecer**<sub>1,2</sub>) passam a significados baseados numa situação interna (avaliativa, perceptual, cognitiva) (**parecer**<sub>2</sub>), que, por sua vez, passam a significados cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante (**parecer**<sub>3,4,5</sub>).

Ao lado dessas mudanças semânticas e sintáticas, ocorrem alterações de ordem pragmática: o verbo deixa de ser empregado na função referencial da linguagem, usos objetivos (**parecer**<sub>1</sub>), descritivos (**parecer**<sub>1,2</sub>), e passa para o nível em que se expressam as relações interpessoais da linguagem (**parecer**<sub>3,4,5</sub>).

Apoiado na unidirecionalidade – princípio básico da GR –, o contínuo de mudança que propus para os cinco usos de **parecer** reflete uma hierarquização de aumento de gramaticalidade que enfatiza o aspecto da categoricidade de formas em gramaticalização, alterações de propriedades que o levam a se identificar com a categoria dos satélites adverbiais, conforme escala sugerida por Hopper e Traugott (1993, p.104), a saber:

- (6) [categoria maior (nome, verbo)] < [categoria medial (adjetivo, advérbio)] < [categoria menor (preposição, conjunção, auxiliares, pronomes, demonstrativos)]

É possível propor então que os casos de **parecer** no PB inserem-se nos momentos iniciais dessa escala de mudança (verbo < advérbio), compreendendo, nessa passagem, estágios de desenvolvimento guiados pelos mecanismos motivadores da GR (*bleaching* semântico, metáfora, metonímia, reanálise etc).

Mais importante que o arranjo em uma escala sincrônica de GR é a comprovação dessa escala diacronicamente. De um uso originalmente calcado em propriedades cognitivas mais básicas – verbo de apresentação, percepção visual, com acepção de “aparecer” –, codificadas, referencialmente, pela categoria verbo, resultam propriedades mais abstratas, codificadas, pragmaticamente, pela categoria dos satélites atitudinais e que só são reconhecidas mais tardiamente na história do português.<sup>17</sup>

Assim é que, na relação sincronia/diacronia, se comprova a viabilidade de tratar os diferentes padrões de uso de **parecer** como um caso de GR. Essas constatações permitem duas possibilidades de interpretação para a hipótese deste trabalho: ou o item se encontra nos estágios iniciais de um processo de GR, podendo

---

<sup>17</sup> cf. Gonçalves (2003), especialmente o capítulo 4, para a comprovação da referendação histórica da escala sincrônica de GR de **parecer**.

vir a cumprir uma trajetória rumo a uma categoria mais gramatical ainda (como, por exemplo, a dos clíticos ou afixos, o que demandaria alterações morfofonológicas profundas em sua estrutura), ou pode ter seu processo de GR interrompido, possibilidade prevista nesse quadro teórico.

Diante dessas conclusões, relativamente às categorias semânticas **evidencialidade** e **modalidade epistêmica** envolvidas no processo de GR de **parecer**, é possível propor que, em razão de não se caracterizar como língua que possui evidenciais gramaticais, o PB está em processo de GR da evidencialidade, começando pelo nível mais baixo da hierarquia proposta para esse domínio, ou seja, pela marcação da evidência indireta, que, no atual estágio de mudança, ainda se *entrecruza* com a modalidade epistêmica. Assim, a exemplo de línguas com sistema gramatical de evidencialidade, é possível que o PB venha a gramaticalizar somente evidência indireta e a assumir a evidência direta como forma não-marcada ou marcada por zero. Diante dos prognósticos apontados no parágrafo anterior, no sistema de evidencialidade em desenvolvimento no PB, o verbo **parecer** pode vir a se desenvolver ainda mais, em contextos mais específicos, deixando de codificar modalidade epistêmica, em favor de um valor puramente evidencial.

Principalmente no estudo de caso em questão, a relação existente entre evidencialidade e modalidade aponta a necessidade de se considerar dimensões individuais (subjativas) e sociais nesse processo de mudança, porque as marcas que, na língua, explicitam tal relação decorrem da necessidade de expressão do indivíduo e de suas relações sociais. Assim, como proposta de continuidade deste trabalho, fica registrada a minha pretensão de associar a GR a uma teoria que considere o papel que o indivíduo e a sociedade desempenham na mudança lingüística (cf. Labov, 1994).

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSEB-GALVÃO, V.C. (2001). *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que*. 231f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- DIK, S. *The theory of Functional Grammar*. (1997). Part 2: Complex and derived constructions. 2.ed. N.Y.: Mouton de Gruyter.
- \_\_\_\_\_. (1989). *The theory of Functional Grammar*. Part I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris.
- DIK, S.; HENGEVELD, K.; VESTER, E. & VET, C. (1990). The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J. et al. (eds.) *Layers and levels of representation in language theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 25-70.
- GONÇALVES, S.C.L.(2003). *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 250f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

- HASEGAWA, Y. (2002). *Linguistic systems and social models: a case study from Japanese*. Disponível em: <[http://ist-socrates.berkeley.edu/~hasegawa/Social\\_Models/SocialModel.html](http://ist-socrates.berkeley.edu/~hasegawa/Social_Models/SocialModel.html)>. Acesso em dezembro/2002.
- HEINE, B.; CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. (1991). *Grammaticalization: a conceptual framework*. London: University Chicago Press.
- HENGEVELD, K. (1989). Layers and operators in Functional Grammar. *J. Linguistics*, n. 25, p.127-57.
- HOPPER, P. (1991). On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, p. 17-35.
- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E.C. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ILARI, R. *et al.* (1996). Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A.T. (org.). *Gramática do português falado*. 3.ed. Campinas: Unicamp, v.1, p.63-42.
- KATO, M.A. (1987). Restrições de predicação em japonês: o lugar do sujeito na gramática da narrativa. In: SEMINÁRIO SOBRE SUJEITO. Campinas, 1987, 3p. Trabalho não publicado.
- LABOV, W. (1994). *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell.
- QUICOLI, A.C. (1976). On Portuguese impersonal verbs. In: SCHIMIDT-RADEFELDT, J. (ed.) *Readings in Portuguese linguistics*. Amsterdam: North-Holland, p. 63-91.
- SWEETSER, E. (1991). *From ethymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WILLET, T. (1988). A cross-linguistic survey of evidentiality. *Studies in Language*, n. 1, v.1., p. 51-97.